

# UMA ANAMNESE DO QUADRO A ESCOLA DE ATENAS DE RAFAEL DE SÂNZIO

## ANAMNESIS OF THE PAINTING THE SCHOOL OF ATHENS BY RAFAEL DE SÂNZIO

Gilson Xavier de Azevedo<sup>3</sup>  
Simone Maria Zanotto<sup>4</sup>  
Gercimar Martins Cabral Costa<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente artigo de revisão pretende reunir as principais informações disponíveis, bem como inferências em manuais de filosofia sobre o afresco “A Escola de Atenas” de Rafael de Sânzio e toda a sua simbologia. Existem infindáveis polêmicas com relação à real interpretação do afresco, no entanto, as controvérsias a que se refere este artigo, são aquelas vinculadas à relação que a pintura em si cria por considerar a filosofia renascentista e os seus artistas, um momento novo e de superação da teologia. Questiona-se que intenções estariam latentes em um afresco pintado há 500 anos? Nesse sentido, como hipótese, a pesquisa procurará dispor sobre algumas possíveis motivações de Rafael para compor o afresco, sobre os principais grupos retratados, bem como a sua linha filosófica e a sua contribuição para a história do pensamento humano. A metodologia adotada é a exploratória de caráter bibliográfico, utilizando-se de várias fontes. O resultado principal dessa pesquisa é a atualização de um ícone da história da filosofia extremamente atual e esquecido concomitantemente.

**Palavras chave:** Filosofia. Arte. Literatura. Escola de Atenas. Rafael de Sânzio.

### ABSTRACT

This review article intends to gather the main information available, as well as inferences in philosophy manuals about the fresco “The School of Athens” by Rafael de Sânzio and all its symbology. There are endless controversies regarding the real interpretation of the fresco, however, the controversies to which this article refers are those linked to the relationship that the painting itself creates by considering the Renaissance philosophy and its artists, a new moment and one of overcoming the theology. It is questioned what intentions would be latent in a fresco painted 500 years ago? In this sense, as a hypothesis, the research will seek to dispose of some of Raphael's possible motivations for composing the fresco, about the main groups portrayed, as well as his philosophical line and his contribution to the history of human thought. The methodology adopted is exploratory with a bibliographical character, using several sources. The main result of this research is the updating of an icon of the history of philosophy that is extremely current and forgotten at the same time.

**Key-words:** Philosophy. Art. Literature. School of Athens. Raphael of Sanzio.

<sup>3</sup>Doutor em Ciências da Religião (PUC-GO, 2017), Bacharel em Filosofia (FAEME, 2007). E-mail: gilson.azevedo@ueg.br

<sup>4</sup>Licenciatura em Filosofia (FAEME, 2006). Licenciada em Letras - Português e Inglês (UEG, 2009). Graduada em Teologia (MACKENZIE, 2006). Mestra em Ciências da Religião pelo CETHEL (2003 - Incorporação em Teologia Pastoral - FTSA, 2023). Docente de Filosofia, Sociologia, Projeto de Vida, Português - Redação, Gramática e Literatura - pela SEDUC (Edital Nº 002/2009). E-mail: simone.zanotto@seduc.go.gov.br

<sup>5</sup>Bacharel em Administração (FAQUI), Licenciado em Pedagogia (UEG), Especialista em Inovação em Mídias Interativas (UFG), Mestre em Educação (UFU), Mestrando em Ambiente e Sociedade. E-mail: gercimarmartins@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Raffaello Sanzio é quase sempre relacionado a Donato ou Donatelo e Michelangelo. Nasceu na cidade de Urbino, na Itália, aos 6 de abril de 1483. Giovanni Santi, o seu pai fora um pintor pouco reconhecido, entretanto, tinha um bom relacionamento na corte do Dom Federico de Montefeltro, rei da Itália na época (1444 – 1482).



Figura 01\_Rafael de Sanzio “Auto Retrato”

Fonte: [http://www.germinaliteratura.com.br/imagens/rafael\\_sanzio.jpg](http://www.germinaliteratura.com.br/imagens/rafael_sanzio.jpg)

Desde jovem, Rafael recebeu do pai uma educação artística e literária influente, de modo que o talento precoce do jovem já era surpreendente. Aos onze anos, foi levado para ser aprendiz de Pietro Perugino, em Perúcia, mas esta informação é discutida por algumas autoridades no assunto com relação à idade e aos preceptores anteriores a Pietro. É de consenso que Rafael estava na Úmbria a partir de 1492, ano de falecimento do seu genitor.

Ao longo da vida, Rafael viveu em diversas cidades italianas incluindo Roma e Florença e era considerado como o Príncipe dos Pintores, o que naquela época não devia ser nada fácil. Na Europa, de um modo geral e na Itália, em particular, multiplicavam-se os grandes gênios (Leão, 2007, s.p.).

Na sua primeira obra, Rafael construiu um altar para a Igreja de San Nicola da Tolentino na cidade de Castello, entre Perúcia e Urbino, tendo sido encomendada em 1500. A arte ficou pronta um ano depois. Outra das suas importantes obras foram a construção do ‘altar de Oddi’ para a capela interna da igreja de São Francisco de Perúcia.



Figura 02: à esquerda: "Igreja de San Nicola da Tolentino"; À direita: "O Casamento da Virgem" igreja de São Francisco de Perúcia.

Fonte: [www.agustinosrecoletos.org](http://www.agustinosrecoletos.org)

Existe nos mecanismos pesquisados, uma certa concordância de que “O Casamento da Virgem” de 1504, (direita, acima), fora sua principal obra, pelo menos no período iniciático da sua carreira, evidentemente influenciado pelo estilo de Perugino. Em seguida a esta obra, Rafael concluiu três pequenos quadros: Visão de um Cavaleiro, As Três Graças e São Miguel (Leão, 2007). Nestas obras já é possível, segundo os especialistas, identificar certo amadurecido e o que se chama de suavidade até em relação ao estilo de Leonardo Da Vinci, que acompanharia Rafael a vida toda:

Rafael tinha um estilo mais leve e simples do que Leonardo da Vinci, por exemplo. Seus quadros são menos pesados e menos cheios, embora tenha feito trabalhos bem amplos e minuciosos. [...] O artista desempenhou uma grande quantidade de tarefas ao longo da curta vida. Foi arquiteto e pintor, além de ter tomado conta do patrimônio formado pelas antiguidades do Vaticano. Viveu em meio ao poder de papas e reis desde o nascimento até a morte. A sua vida foi organizada e desempenhou com desenvoltura um importante papel na sociedade, não só como artista, e sempre de uma maneira eficiente que o levou a ser muito respeitado por conta dos trabalhos realizados e pelo vasto conhecimento de todos os assuntos, inclusive científicos (Leão, 2007, s.p.).

É bem provável que junto ao lado do seu mestre Perugino, tenha trabalhado em outros afrescos devido à sua perspectiva e na relação proporcional entre as figuras, sendo tido, porém, como mais informal e alegre que o seu professor. Rafael viveu um tempo em Siena com o pintor Pinturicchio e no outono de 1504 foi a Florença de modo a aproximar-se da arte empreendida por Leonardo da Vinci e Michelangelo no Palazzo della Signoria (CCBB, 213).

Sob forte influência das obras e do estilo de Leonardo Da Vinci, conheceu e apaixonou-se pela estética renascentista e executou diversas madonas, entre as quais a

"Madona Esterházy" (abaixo) e "A bela jardineira". Usou alguns recursos inovadores como: o claro-escuro, contraste de luz e sombra que empregou com moderação, o esfumado e o sombreado levemente esbatido, ao invés de traços para delinear as formas. Os bons relacionamentos de Rafael com Fra Bartolomeo, o persuadiu a abandonar o estilo suave, absorvendo formas mais arrojadas (Ibiblio, 2006).

No entanto, foi a influência de Michelangelo<sup>6</sup>, bem notada na obra da "Pietà" e na "Madona do baldaquino", que transparece o interesse pela anatomia humana e os detalhes mencionados anteriormente. Em meados 1509, Donato ou Donatelo Bramante<sup>7</sup> como é conhecido e já na época um reconhecido arquiteto do Vaticano, influenciou no requerimento formal dos serviços de Rafael por parte de Júlio II (Papa)<sup>8</sup>, que nos seus 25 anos, ainda com estilo artístico em processo de caracterização, foi logo chamado ao Vaticano e em pouco era conhecido como o "Príncipe dos Pintores" pelo próprio Papa. (Leão, 2007).



Figura 03: "Madona Esterházy"

Fonte: [www.contestado.com.br](http://www.contestado.com.br)

---

<sup>6</sup> Michelangelo foi pintor, escultor, poeta e arquiteto renascentista italiano que criou os muitos afrescos do teto da Capela Sistina, sendo considerado seu trabalho mais extraordinário; fez também o Julgamento Final sobre o altar e do "Martírio de São Pedro" e da "Conversão de São Paulo" na Capela Paulina do Vaticano. Suas esculturas mais famosas são a Pietá e o David, bem como a Virgem, o Baco, o Moisés, a Raquel e a Léa, além de conceber a cúpula da Basílica de São Pedro em Roma.

<sup>7</sup> Donatello nascido em Florença em 1386 (1466) foi um dos maiores escultores italianos da Renascença, exercendo o ofício em Florença, Prato, Siena e Pádua, utilizando técnicas como o baixo-relevo e o staccato; produzia suas obras também em materiais como o mármore, o bronze e a madeira. Em seu tempo é um dos que abandona de vez o estilo gótico, retomando e superando a arte grega e romana, seja formalmente, seja estilisticamente. Muito particular foi sua capacidade de sugerir humanidade e introspecção em suas obras.

<sup>8</sup> Papa Júlio II, nascido Giuliano na Savona (Roma, 1443) falecendo em 1513, era Frade Franciscano, foi Papa de 1 de novembro de 1503 até à data da sua morte. Ficou conhecido como o papa que mais fez pela arte e cultura em Roma: em 1506 colocou a primeira pedra da nova Basílica de São Pedro; foi amigo e patrono de Bramante, Rafael e Michelangelo. Michelangelo pintou o teto da Capela Sistina para o Papa Júlio II.

Rafael permanece em Roma por longos doze anos, desenvolvendo para o Vaticano, trabalhos de singular envergadura. Entre suas principais obras ou afrescos<sup>9</sup>, estão a "Discussão do Santíssimo Sacramento" (abaixo) e a "Escola de Atenas", pintadas na Capela Stanza della Segnatura. Rafael estava trabalhando na decoração dos aposentos pontifícios quando foi subitamente surpreendido pela morte de Júlio II (1513). No entanto, sob a regência do Papa Leão X<sup>10</sup>, desenvolveu esse trabalho até o ano de 1517, quando passou a finalização aos cuidados de seus aprendizes, dedicando-se a outros estilos de trabalhos como: retratos, altares, cartões para tapeçarias, cenários teatrais e projetos arquitetônicos de construções profanas e igrejas como a de Sant'Eligio degli Orefici. Segundo o biógrafo Giorgio Vasari, as suas obras se caracterizavam pelas dimensões imensas. Leão X quase o fez cardeal (Dartmouth, 2019).



Figura 04: Afresco sobre la teología "El triunfo de la Eucaristía", Rafael Sanzio, Stanza della Segnatura, Palacio Vaticano - Fonte: [www.wlym.com](http://www.wlym.com)

Por ocasião da morte de Bramante (1514), o seu mais influente mestre (pelo menos comercialmente), foi nomeado o seu sucessor no encargo de arquiteto chefe do Vaticano, assumindo obras já em andamento na Basílica de São Pedro, refazendo inclusive planta da basílica de um formato de cruz grega para uma do tipo cruz latina, considerada pelos arquitetos como mais simplória. Deu a sua contribuição na decoração das galerias vaticanas, onde fez importantes composições. Entre as suas obras estão a Galatéia na Villa Farnesina e As Sibilas (abaixo) na igreja de Santa Maria della Pace, com o projeto e a decoração da Capela de Chigi na igreja de Santa Maria del Popolo, em 1513 (ARTCHIVE, 2023).

<sup>9</sup> Afresco é o nome dado a uma pintura feita sobre parede à base de gesso ou argamassa, assumindo com frequência a forma de Painel.

<sup>10</sup> Leão X, nascido Giovanni di Lorenzo de' Medici em Florença (Roma, 1475) falecido em 1521, foi o papa Católico entre 1513 a 1521, acometido de um súbito de malária e sepultado na igreja de S. Maria.



Figura 05: Da dir. para esq. Sibila e Ciméria

Fonte: [www.sabercultural.com](http://www.sabercultural.com)

No período entre 1518 e 1520, ano de sua morte, dedicou-se a obras como Spasimo de Sicília (igreja de Palermo), e o famoso afresco da visitação (Museu do Prado em Madri). Entre os seus últimos trabalhos estão o retrato duplo do Louvre, e o quadro da *A Visão de Ezequiel*, além da pintura *Transfiguração* (Abaixo).



Figura 06: Rafael Sanzio, «Transfiguração», Museu do Vaticano

Fonte: [www.jornallivre.com.br](http://www.jornallivre.com.br)

Ter morrido no dia do seu aniversário (e só a algumas semanas após Leão X) acometido por forte febre, só fez aumentar o caráter místico da sua pessoa, pois já contava com a admiração da aristocracia italiana e papal. No seu enterro, a sua obra *A*

*Transfiguração* precedeu o seu corpo durante a procissão fúnebre, denotando que ele estaria já gozando dos benefícios celestes que tão bem retratara. Ele foi sepultado no Panteão da Itália e o seu túmulo teve como epitáfio: “Aqui jaz Rafael, que fez temer à Natureza por si fosse derrotada, em sua vida, e, uma vez morto, que morresse consigo” (ALETEIA, 2020, s.p.).

## **1 A OBRA EM QUESTÃO: O AFRESCO *ECOLE DI ATENA***

A Escola de Atenas de Rafael é um afresco emocionante que mede 7,70 m em sua base e 5,70 m de altura e tem sido motivo de admiração por 5 séculos. Essa pintura mural ou afresco<sup>11</sup> realizada entre 1509-1511 faz parte de um grande ciclo das suas obras no Vaticano. Como já se mencionou, basta lembrar que nela trabalharam Michelangelo, na Capela Sistina, Bramante, o grande arquiteto da Basílica de São Pedro e o próprio Rafael de Sânzio, bem mais novo que ambos. Rafael vinha da mesma cidade de Bramante, Urbino, que lhe deu importante apoio como jovem iniciante de carreira no Vaticano, embora já tivesse chegado como notável mestre da pintura, discípulo e criador de famosas madonas. Veja abaixo uma imagem do afresco, no entanto, deve-se advertir ao leitor de que na internet é possível ver até mesmo afrescos recriados de outros autores e até charges na web (Poesia, 2007, s.p.).

A pintura é um marco na história da arte da Renascença, conforme indica o texto a seguir:

Escola de Atenas é uma celebração da filosofia. A cena foi tirada de um local do período clássico, como a arquitetura e o ambiente. Personagens representando cada assunto, que deveriam ser mantidos em ordem para dar uma ideia de um verdadeiro debate filosófico — astronomia, geometria, aritmética, e geometria sólida — são mostrados em forma concreta. Os árbitros destas regras, os principais personagens, Platão e Aristóteles, são mostrados no centro da pintura, engajados numa discussão filosófica (Poesia, 2007, s.p.).

O afresco causou controvérsia em todo o Renascimento<sup>12</sup>, época da sua composição, no entanto, teve aceitação imediata. O aparente paradoxo se deve ao fato da

---

<sup>11</sup> Técnica de pintura mural, executada sobre uma base de gesso ou nata de cal ainda úmida - por isso o nome derivado da expressão italiana fresco, de mesmo significado no português - na qual o artista deve aplicar pigmentos puros diluídos somente em água. Dessa forma, as cores penetram no revestimento e, ao secarem, passam a integrar a superfície em que foram aplicadas. O suporte pode ser parede, muro ou teto e a durabilidade do trabalho é maior em regiões secas, pois a umidade pode provocar rachaduras na parede e danificar a pintura. O termo também é usado para designar a pintura feita dessa maneira, normalmente em igrejas e edifícios públicos, e ocupando grandes extensões (itacultural.org.br).

<sup>12</sup> O Renascimento ou Renascença pode ser dito como um movimento é ou período cultural europeu que marca o final da Idade Média e o início da Idade Moderna (século XIV a XVI). Está associado ao Humanismo e interesse pela releitura dos textos clássicos, em latim e em grego, dos períodos anteriores ao triunfo do Cristianismo.

problemática religiosa do conteúdo da obra em detrimento da aceitação dos artistas e dos pensadores renascentistas (ARTCHIVE, 2023). A obra não tem, de início, a preocupação de demonstrar o caráter histórico da filosofia, nem de fazer aporias à clássica Academia de Platão, ou mesmo ao Peripatos de Aristóteles, mas sim reunir os principais nomes do Renascimento de modo a demonstrar como o movimento ainda nascente era visto. Conforme expressa François Rabelais (1483-1553), escritor e padre francês do Renascimento, pode-se inferir que o quadro abaixo quer ressaltar o caráter da magnificência renascentista.



Figura 07: "A Escola de Atenas" 1510/11 - Vaticano, Stanza della Segnatura

Fonte: [www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm33/Rafael.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm33/Rafael.htm)

De mesmo modo, o texto a seguir, chamado *Extracto de Pantagruel* (1532, apud Fernanda Dias, s.p.), de Rabelais permite algumas inferências sobre esses aspectos:

Todas as disciplinas são agora ressuscitadas, as línguas estabelecidas: Grego, sem o conhecimento do qual é uma vergonha alguém chamar-se erudito, Hebraico, Caldeu, Latim [...] O mundo inteiro está cheio de acadêmicos, pedagogos altamente cultivados, bibliotecas muito ricas, de tal modo que me parece que nem nos tempos de Platão, de Cícero ou Papinianus, o estudo era tão confortável como o que se vê a nossa volta.

Colocar nomes como Platão e Aristóteles, pagãos, diga-se de passagem, para a ótica eclesiástica da época, embora reinterpretados por Agostinho e por Tomás, é sobretudo legítimo, sem a tutela da Igreja, que se vivia um momento único onde a razão, o saber e as ciências eram a palavra de ordem. Assim, a primeira consideração seria a de

observar o quadro como uma apologia ao Renascimento que florescia de fato para mudar todo o panorama da filosofia e da noção de poder (Dartmouth, 2019). Esse panorama pode ser visto no trecho a seguir do professor Arnaldo Poesia:

A Escola de Atenas representa a verdade adquirida através da razão. Rafael não criou sua ilustração com figuras alegóricas, como era costume nos séculos XIV e XV. Mas, agrupou personagens solenes de pensadores e filósofos juntos num amplo espaço, numa grandiosa moldura arquitetural. Esta moldura é caracterizada por uma alta cúpula, uma abóbada sem teto e pilastras. Ele provavelmente se inspirou na arquitetura romana ou — como pensa a maioria dos pesquisadores — no projeto de Bramante para a nova igreja de São Pedro a qual é a síntese do paganismo e da filosofia cristã (Poesia, 2007, s.p.).

Elementos, assim, denunciam a segunda proposição deste artigo sobre a “Escola de Atenas”, ou seja, era essencialmente pagã e racional a proposta de Rafael. Pagã porque aos olhos da Teologia desse período, a “*filosofia ancilla teologiae*”, a Filosofia era apenas uma serva da Teologia, e o artista expõe o contrário, na Sé Vaticana, há o destaque para a Razão greco-pagã nas 56 figuras, em variadas vestes e cores, cuja distribuição espacial é de grande impacto (Mascarenhas, 2005).

De modo bastante curioso, Arnaldo Poesia parece indicar que além do manifesto de desvencilhar-se da Teologia, pois o artista poderia muito bem ter retratado o saber teológico com Agostinho e Tomás no meio, e no entorno de nomes como Scoto Erigena, os Capadócius e Paulo de Tarso, existe ainda uma tentativa de se homenagear ou mesmo de um “querer dizer” que pessoas contemporâneas de Rafael (Bramante, Michelangelo e Sodoma) são, sim, os novos filósofos ou pensadores da modernidade, do ponto de vista artístico e a arte é a nova filosofia ou uma das suas correntes<sup>13</sup>:

Alguns dos filósofos são contemporâneos de Rafael. Bramante é mostrado como Euclides (com uma prancheta, à esquerda, fazendo cálculos com um compasso). Francesco Maria Della Rovere, de branco, aparece outra vez perto de Bramante. Michelangelo está sentado num degrau, lendo sobre um bloco de mármore; é representado como Heráclito. Uma visão mais apurada do afresco mostra que Heráclito foi o último a ser pintado quando a pintura foi terminada, em 1511. A alusão a Michelangelo é provavelmente um gesto de homenagem ao artista, que tinha recentemente concluído o afresco da Capela Sistina. Rafael — na extrema direita, com uma boina preta — e seu amigo, Sodoma, estão também presentes (eles representam a glorificação das artes e posam no mesmo nível dos artistas liberais) (Poesia, 2007, s.p.).

---

<sup>13</sup> Rafael, segundo o filósofo Paulo Ghiraldelli, parece ter demonstrado uma fina ironia ao “decapitar” a cabeça de Platão no afresco “A Escola de Atenas” e inserir no lugar o semblante de Leonardo da Vinci, fazendo algo similar com outros filósofos (Heráclito substituído por Michelangelo e o próprio Rafael inserido no lugar onde deveria estar Apelles, discípulo de Ptolomeu). [...] Curiosamente, muitos autores, como Ubaldo Nicola, costumam compreender a retirada do rosto de Platão e a conseqüente inserção do rosto do mestre Leonardo como “uma homenagem a Leonardo”. Um eufemismo, quiçá, para embelezar uma possível crítica aberta a Platão (Ghiraldelli, s/ d., s/ n.).

Apesar de tantos e aparentes protestos filosóficos, a igreja não puniu, nem desconsiderou a obra de Rafael, pelo contrário:

O Papa impressionou-se de tal forma com a pintura delicada e perfeita de Rafael que mandou apagar algumas obras de grandes artistas mais antigos, inclusive do próprio Peruggino, mestre de Rafael, que, entretanto, recusou-se a destruir a obra do antigo professor (Mascarenhas, 2005, s.p.).

O terceiro aspecto se quer aqui destacar, é o fato de que existia uma controvérsia entre os artistas e Platão; talvez por isso, colocar a cabeça de um artista e pensador no lugar da cabeça de Platão, foi segundo Ghiraldelli uma forma de se vingar do filósofo por ter no diálogo *A República* expulsado os artistas de Atenas; pensar assim constituiria uma grandiosa *vingança histórica*:

Expulsos por Platão de sua República, os artistas foram considerados inadequados por supostamente criarem a “cópia dentro da cópia”. Num mundo como o nosso, [...] a projeção sombria do mundo das essências verdadeiras, os artistas se revelaram como sendo a serpente no Éden da República, pois instigavam a emoção e faziam as entranhas humanas borbulharem (Ghiraldelli, 2006, s.p.).

Os artistas do Renascimento impulsionaram o conhecimento devido à nova expressão e caráter evangelístico da arte, sendo proposta após anos de conflitos iconoclastas que pregavam a destruição das imagens. Se mesmo na igreja os artistas eram rejeitados, era chegada a hora de repensar situação: “Os exilados, artistas, podem ser vistos como elaboradores de novas realidades quânticas. Não estando comprometidos com a ideia de uma ‘verdade’, sentem-se livres para operar na direção da criação de mundos” (Ghiraldelli, 2006, s.p.).

O quarto aspecto a ser tratado aqui, está baseado na disposição da obra. Se o leitor olhar bem, a partir do centro onde se localizam Platão (esq.) e Aristóteles (dir.), pode-se perceber que próximos a eles estão os pensadores que, também, estão historicamente ligados teoricamente às suas linhas de pesquisa (Heráclito, Parmênides); ou mesmo aqueles com os quais eles tiveram as suas controvérsias (sofistas ao lado de Platão) ou, então, dos quais foram contemporâneos do mestre da academia (Zenão e Xenofanes).

Se isso puder se confirmar, tem-se como quinto aspecto, o próprio Rafael, que aparece na obra, se mostra do lado Aristotélico, até pelo fato já citado da controvérsia platônica. De mesmo modo, Ptolomeu e Diógenes Laércio. Do lado de Platão, podendo, então dispor Pitágoras, Averróis, Alexandre e Alcebíades (Ibiblio, 2006).

O sexto aspecto que se quer destacar é que parece estarem Platão e Aristóteles entrando na Escola, sendo que outro detalhe é o fato de Platão, semelhante a seu mestre Sócrates estar descalço (ver recorte abaixo); tinha hábito de permanecer imóvel, por minutos e até mesmo horas; certa vez conta-se que ele o fez na neve tendo que ser retirado por seus discípulos (Ibiblio, 2006).



Figura 08: Recorte "Pés" do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: <http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm33/Rafael.htm>

De outro modo, especulativamente, o fato de parecerem estar andando enquanto discutem filosofia, pode indicar que estão em um peripatético aristotélico, ao passo que estando eles num lugar que mais parece a 'Academia de Platão' (afresco abaixo).



Figura 09: Mosaico do Museu Nacional de Nápoles: reunião de Filósofos na Academia de Platão

Fonte: <http://www.greciantiga.org>

O quadro representaria a passagem histórica do *retrogrado* método platônico, segundo Rafael, ao fabuloso sistema Aristotélico como indica a ideia a seguir:

Rafael, vingativa e ironicamente, exila as “mentes sem corpo” dos filósofos arrancando-lhes as cabeças, e insere os artistas no contexto, transformando a rígida Escola de Atenas numa Orgia da Criatividade. A ironia de Rafael não cessa aí: no afresco, o artista insere a si mesmo no contexto, a única figura da obra que olha para quem olhar a obra. Pura metalinguagem e, também, convocação. Uma convocação, talvez, para entendermos que criamos mundos com o nosso olhar (Ghiraldelli, 2006, s.p.).

Segundo Paulo Cunha (2002) em seu artigo sobre “As virtudes cardeais no afresco de Rafael”, existe ainda um sétimo aspecto, o jurídico, o qual aponta a relação dos elementos que permeiam Platão e Aristóteles:

Platão o homem deve procurar reencontrar o paraíso perdido das Ideias, que deixou com a sua encarnação, equivalente à queda judaico-cristã. Essa ascensão dialética (dialektike poreia), que é afinal a simbolizada na “Escola de Atenas” pela figura do filósofo da Academia com o dedo apontando o alto, implica diversos patamares: os primeiros níveis, são os da simples opinião (doxa): a consideração dos indivíduos não é mais que alvitre ou conjectura (eixasia), e mesmo a noção de gênero não ultrapassa o estádio da crença (pistis). Os segundos níveis (já no plano do saber ou disciplina do conhecimento, ou episteme) são mais fiáveis e elevados, no caminho para a realidade fora da caverna: o terceiro estádio é constituído pelas ideias necessárias e universais, objeto do pensamento discursivo (dianoia), e por último atinge-se a ideia do bem, que será objeto da visão (noesis) (Cunha, 2007, s.p.).

Antes de se fazer da localização das figuras no afresco, é preciso dizer que por se tratar de ironia puramente socrática ou renascentista como queiram a obra, embora não fuja muito dessa perspectiva, se revela, porém, em arte filosófica, pois até para ser irônico, é preciso recorrer à filosofia como aponta Paulo neste fragmento (Cunha, 2007).

Rafael, como o veio pintar, faz filosofia - autêntica. Sua audácia é fantástica, e sua capacidade de ironia com o Platão canônico é digna do que há de melhor na arte. Pois na medida em que ele coloca personagens (artistas plásticos fazendo o papel de filósofos) no quadro, o que ele começa a fazer é a montagem de um teatro (Ghiraldelli, 2005, s.p.).

A crítica filosófica de Rafael desmonta ou desconstrói (Derrida) certa noção de autoridade vaticana por sua crítica ácida ao romanismo opulente da época. Paulo irá, assim, que o artista acabou por se mostrar singular no que propôs:

Rafael não introduz apenas o falso no reino da verdade, mas a mentira no reino da justiça e do verdadeiro (a mentira é a falsidade intencional, na definição de Derrida). O mundo platônico é subvertido. Com ele, a própria filosofia. E então, ela se realiza! Rafael faz a melhor filosofia sendo artista plural, e faz a melhor arte sendo filósofo (GHIRALDELLI, 2005, s.p.).

Assim, essa relação entre verdade e falsidade, torna-se um forte viés de representação e de interpretação da obra, pois torna-se base do Racionalismo e do Empirismo, linhas estas que serão amplamente discutidas nos séculos seguintes à composição da obra. Isto posto, o artigo irá considerar os detalhes da obra enquanto aqueles filósofos que esta representa.

## 2 OS DETALHES DA OBRA: ESSÊNCIAS FILOSÓFICAS

Por intermédio de evidências históricas localizadas nas fontes pesquisadas, pode-se identificar vários sábios no afresco, alguns nomes ligados ao desenvolvimento da geometria, da filosofia e das artes dentre outras ciências como já se mencionou; no entanto, nem todas as identificações são precisas. O site da Wikipedia (2023) aponta treze nomes que seriam identificáveis no afresco, o que coaduna com o citado a seguir pelo filósofo Paulo Ghiraldelli. É o caso de Epicuro e Diógenes: Alcebiades, Anaximandro, Alexandre Magno, Anacreonte, Aristóteles, Averróis, Epicuro figurado como Baco, Euclides, Heráclito, Hipátia, Ptolomeu, Parmênides, Sócrates, Pitágoras, Platão, Xenofonte, Zenão, Zoroastro ou Zaratutra. O quadro *Escola de Atenas* é dividido por grupos de figuras, que são chefiados por filósofos e pensadores renomados (Sócrates está à esquerda, o grupo de Heráclito mais abaixo, Epicuro está ao centro sentado sozinho na escada etc.) (Ghiraldelli, 2005).

Somente nessa afirmação, percebe-se quatro indicações diretas que serão trabalhadas a partir de agora. Para Mascarenhas (2005), a presença central do quadro simboliza o que ele vai chamar de *Pax Filosófica*; uma possível harmonia filosófica no meu entender, em que todos os filósofos, semelhantes aos santos católicos, habitam o mesmo altar.

Platão, com o vulto de Leonardo, ergue o indicador para o alto, simbolizando o poder das ideias abstratas [o que temos no mundo sensível é cópia produzida pelas formas puras (intangível-idealismo)]. Aristóteles, com a mão espalmada para baixo, indica a realidade material da natureza [percepção pelos sentidos; os conceitos são produtos, isto é, os conceitos são gerados a partir da abstração e generalização-realismo]. Esta dualidade pode, entretanto ser interpretada como uma grande síntese necessária para a compreensão filosófica da existência. Seria o que foi denominado, na época de Rafael, a Pax Filosófica (Mascarenhas, 2005, s.p.).

A representação acima é confirmada por outro elemento do afresco que também se mostra bastante peculiar: **Platão** segura na mão o Timeu (um tratado na forma de diálogo socrático, escrito cerca 360 a.C. que traz especulações sobre a natureza do mundo físico) e **Aristóteles** traz sua obra Ética a Nicômaco<sup>14</sup> (Ver Sequência de imagens abaixo); isso quer aparentemente confirmar as posições filosóficas dispares deles.

# RECIFAQUI

Revista Científica da Faculdade Quirinópolis

---

<sup>14</sup> A Ética a Nicômaco é uma das obras clássicas de Aristóteles. Estão dispostos nela, a teleológica e eudaimonista de racionalidade prática. Para o estagirita, toda racionalidade prática é teleológica e, portanto, orientada para um fim que é o bem. Assim, a ética aparece como o agente norteador e não mais o daimoneon de Platão, que aponta qual o summum bonum que preside e justifica o agir humano. Esse agir humano tem, portanto, um fim, a suprema felicidade ou eudaimonia, que não consiste nem nos prazeres, nem nas riquezas, nem nas honras, mas numa vida virtuosa. A virtude é assim o justo meio entre os extremos.

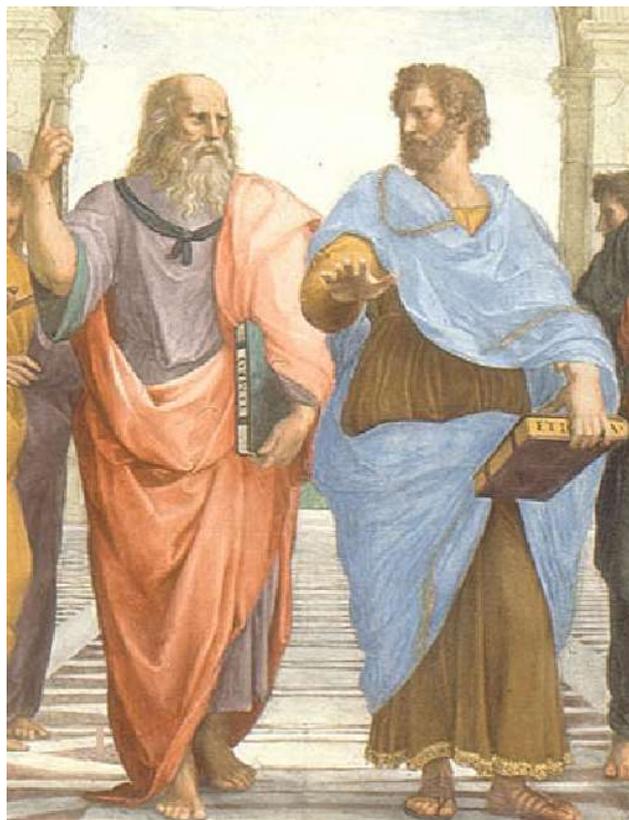


Figura 10: Recorte "Platão à esq. E Aristóteles à dir." do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

O detalhe abaixo indica as duas obras em questão, sendo seguradas por Platão e Aristóteles:



Figura 11: Recorte "Obras: Timeo e Etica a Nicômaco" do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Conforme já foi mencionado, Platão teve sua cabeça substituída pela do Renascentista Leonardo Da Vinci (Veja abaixo, da esq. para a dir., Leonardo no Afresco, Leonardo – auto-retrato – e Platão).



Figura 12: esq. recorte "Platão" do Afresco "A Escola de Atenas"; No Centro "Auto retrato Leonardo Da Vinci" e à dir. Busto Platão séc II.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Existem na arquitetura, duas estátuas que adornam cada lado do prédio idealizado por Rafael (ver figuras abaixo) são de *Apolo*, Deus do sol e patrono da verdade, do tiro com arco, da música, da medicina e da profecia. Foi o mais majestoso dos Olímpicos, o deus da razão, das artes e que acentua a complementaridade entre a perfeição da Beleza, e *Minerva*, a deusa da sabedoria. Minerva ou Athena era a virgem padroeira das artes domésticas, deusa da sabedoria e protetora na guerra dos que lhe rendiam culto; nasceu da fronte de Zeus, já adulta (Leão, 2019).



Figura 13: Recorte "Apolo e Minerva" do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

O primeiro grupo a ser localizado, à esquerda (ver figura abaixo), é o de *Sócrates* que aparece argumentando e gesticulando. Junto a ele aparecem (da esq. para a dir.) *Xenofonte*, com uniforme militar; *Ésquines* de chapéu preto e *Alcibíades* de verde. Mascarenhas (2005) indica que Alcibíades pode ser na verdade Alexandre, o que é pouco provável, já que Alexandre fora discípulo de Aristóteles e não de Platão, a menos que isso

seja mais uma das ironias renascentistas do pintor, querendo indicar o passionismo platônico de Alexandre, e que seria apaixonado pelo mestre de acordo com “O Banquete”.



Figura 14: Recorte "Sócrates e os pré-socráticos" do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Esse diálogo indica que o amor sensível deve estar subordinado ao amor intelectual, ou seja, “na juventude, predomina a admiração pela beleza física; mas o verdadeiro discípulo de Eros amadurece com o tempo e descobre que a beleza da alma deve ser considerada mais preciosa do que a do corpo” (Aranha; Martins, 1986, p. 342).

Existe também segundo o site UNIURGS (2013, s.p.), a possibilidade de o homem revestido de trajes militares ser o próprio Alexandre e não Xenofonte: “Dois planos acima de Pitágoras, podemos divisar em trajes macedônicos Alexandre o Grande, Xenofante (historiador grego, século V a.C.), Alcebiades, sobrinho de Péricles e Sócrates, que na expedição militar organizada pelos atenienses contra Potidéia, estavam juntos como soldados de acordo com o filósofo Alcebiades”.

Costumeira e erroneamente, os filósofos pré-socráticos (Escola Jônica: *Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, Xenófanes, Heráclito*; Escolas Italianas: *Pitágoras*, Escola Eleática: *Empédocles, Leucipo, Demócrito, Anaxágoras*) são apontados como os filósofos anteriores a Sócrates cronologicamente, mas não é bem assim, o nome pré-socrático está relacionado à sua concepção naturalista em detrimento da abordagem ética de Sócrates, enquanto primeira síntese filosófica (Poesia, 1996).

Junto ao pensamento sofista, Sócrates representa certa ruptura com os pré-socráticos com relação à compreensão da *Physis* ou realidade inicial do Cosmo enquanto mundo. Reale (2002) indica que o homem de roxo ao lado direito de Sócrates seria *Criton*, que no diálogo que leva seu nome, pede ao mestre que fuja. No texto de Críton, nota-se um forte debate acerca da justiça, da *doxa* (opinião) e *episteme* (conhecimento), por onde

Sócrates defende a posição da razão frente ao discurso do povo: “Pois não tenhas esse receio. Não é muito o dinheiro que certas pessoas querem receber para levar-te daqui e salvar-te” (Poesia, 1996).

À esquerda na obra, e bem próximos de Sócrates, como mais uma possível ironia, nota-se a irônica representação dos **Sofistas** (ver figura abaixo).



Figura 15: Recorte "Os Sofistas" do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Estão caracterizados pelos livros que um deles traz à mão; por certo *Górgias* e ao seu lado *Protágoras* e atrás, *Pródico de Samos*. Os chamados Sofistas, trazendo um modo de ensinar, a partir da retórica, da argumentação e da persuasão, independente da *alethéia* ou verdade em grego. Cosmopolitas influenciados pela visão de Heródoto da justiça histórica que procuram compensação, alternando vencedores e vencidos, os sofistas vão ensinar aos atenienses como defender oralmente suas ideias, sem se preocupar com o problema da Verdade.

Existe no afresco um outro elemento importante a se perceber; é a representação de um rito órfico (ver imagem abaixo). A base da coluna quer indicar que a revelação órfica constitui a base sobre a qual se formulou a filosofia. Pitágoras, Heráclito, Empédocles, Platão e o tardio platonismo se inspiravam no Orfismo que era uma religião de mistério no antigo mundo grego, difundido a partir dos séculos VII e VI antes da Era Comum. Seu fundador teria sido o poeta Orfeu, que desceu ao Hades e retornou. Os órficos, também, reverenciam Perséfone, que descia ao Hades a cada inverno e voltava a cada primavera e Dionísio ou Baco, que também desceu e voltou do Hades.

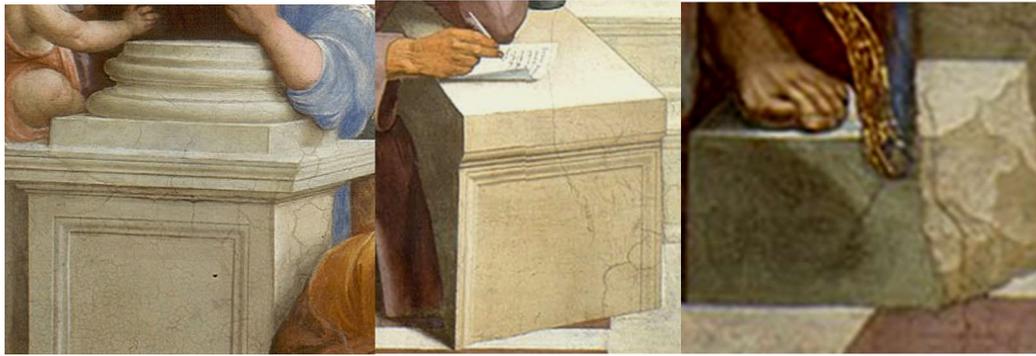


Figura 16: Recortes "Blocos orfistas" do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Epicuro foi ouvinte de Pânfilo e tendo contato com Nausífanos de Teo, discípulo de Demócrito de Abdera, conheceu a teoria atomista que por ele sofreu reformulações. Epicuro teria ensinado filosofia em Lâmpsaco, Mitilene e Cólofon até que em 306 a.C. quando fundara sua própria escola filosófica, chamada *O Jardim* onde lecionou até a morte em 271 a.C., cercado de amigos e de discípulos. Sua vida é marcada pelo ascetismo e pela busca da serenidade ou ataraxia.

No lado esquerdo da Escola de Atenas, vê-se a face de *Zenão de Eléia* de capuz verde<sup>15</sup>. À sua direita está um menino ou um anjo, o que seria uma ironia, pois nesse caso do afresco, a Teologia que *ancilla*, é serva, da Filosofia, que segura um livro para **Epicuro**, coroado com folhas de videira, uma alusão a Baco, deus grego do período helenístico (ver figura abaixo) protetor das mulheres, das crianças, dos ébrios, dos idosos e de todos os demais excluídos.

---

<sup>15</sup> Zenão (495 a.C. - 430 a.C.) nasceu em Eléia, atual Vélia na Itália; foi discípulo de Parmênides também de Eléia e seu principal propagador. Seu método consistia na elaboração de paradoxos. Deste modo, buscando demonstrar os absurdos de algumas teses que ele mesmo formulava criando cerca de quarenta destes paradoxos, todos contra a multiplicidade, a divisibilidade e o movimento (que nada mais são que ilusões, segundo a escola eleática).



Figura 17: Recorte "Zenão à esq. e Epicuro à dir." do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Aos olhos pouco atentos, passaria por despercebido a figura de vestido branco de Hipátia (370 d.C. e assassinada em 415 d.C), uma filósofa neoplatônica (figura à esq. abaixo) que viveu em Alexandria onde escreveu comentários sobre Diofanto, Ptolomeu e Apolônio de Perga. Mas há quem acredite que se trata de Hípia, mulher filósofa do contexto de Sócrates, que aparece na obra *A Vida de Hípia*, que exalta o valor filosófico da mulher da qual cita-se essa referência:

De qualquer modo, havia em Alexandria uma mulher chamada Hipátia, filha de Theon, que fez tantas realizações em literatura e ciência que ultrapassou todos os filósofos de seu tempo. Tendo progredido nas teorias de Platão e Plotino, ela explicava os princípios da filosofia a quem a ouvisse, e muitos vinham de longe receber seus ensinamentos (RARA AVIS IN TERRIS, 2008, s.p.).

Sócrates continua neste fragmento:

Era tão bela como sábia Hipátia de Alexandria. Sempre admirei esta figura feminina que caminhava, com passo firme pelos corredores reluzentes da sabedoria antiga, entre a Matemática e a Filosofia. Quando, na minha aldeia natal, ainda menina, lia furiosamente autores Antigos refugiada do sol flamejante da planície, imaginava-me a viver a vida dela (RARA AVIS IN TERRIS, 2008, s.p.).

Pitágoras que aparece possivelmente cercado de outros pitagóricos (ver figura abaixo à dir.) ou pelo menos de um deles, já que a figura que aparece atrás dele é indicada como sendo Anaximandro, sendo que, atrás de si, está um observando e anotando seus escritos e ao lado, outro segurando uma tábua de notas musicais. Depois, anotando em uma prancheta está *Pitágoras* abaixo representado, filósofo e matemático grego que era natural de Samos (570 a.C. - 496 a.C).



Figura 18: Recorte "Hipátia à esq.; Pitágoras à dir." do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Para Pitágoras, a essência, que é o princípio fundamental que forma todas as coisas é o número. Para os pitagóricos não existe forma, lei e substância, mas apenas o número responsável por unir tais elementos. Segundo o próprio Pitágoras, existiam quatro elementos: terra, água, ar e fogo que constituíam todas as coisas. O filósofo se destacou, também, no Direito criando uma definição que quantificava o seu objetivo final, sendo este, a Justiça. Para ele, um ato justo seria a chamada *justiça aritmética*, onde punição e ganho eram a justa medida do ato cometido (ARTCHIVE, 2023).

De Turbante atrás de Pitágoras, aparece *Averróis*, filósofo árabe que nasceu em Córdoba, 1126 e morreu em Marrakech, 1198. Ele foi um dos maiores comentaristas de Aristóteles, sendo esse redescoberto na Europa graças aos árabes e aos comentários de Averróis que contribuiu para a recepção do pensamento aristotélico, preocupando-se também com astronomia, medicina e direito canônico muçulmano (ARTCHIVE, 2023).

A outra figura (abaixo à esq.) é então o naturalista *Anaximandro*. Ele nasceu em Mileto (609 a.C. - c. 546 a.C.), era discípulo de Tales e atuou como geógrafo, matemático, astrônomo e político. No afresco, ele aparece (ver figura abaixo à esq.) atrás de Pitágoras anotando possivelmente um de seus teoremas. Acredita-se que tenha escrito a obra "Sobre a Natureza" que se perdera. É provável que ele tenha proposto o primeiro mapa do mundo habitado e a medição das distâncias entre as estrelas e o cálculo de sua

magnitude, sendo também o iniciador da astronomia grega. Sua teoria naturalista propõe que o princípio de tudo é que ele chama de *Ápeiron*, que é algo infinito, indizível e imortal (Dartmouth, 2019).

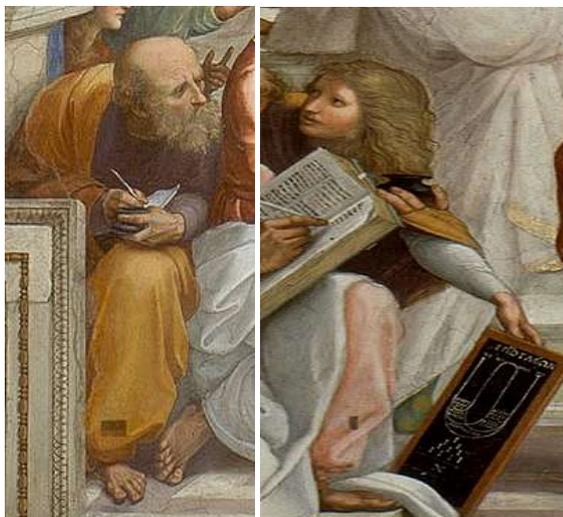


Figura 19: Recorte "Anaximandro à esq.; Anacreonte à dir." do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Junto a Pitágoras, segurando uma tábua com notas musicais aparece o que seria o filósofo *Anacreonte* (acima à dir.)<sup>16</sup>. Era ligado tanto à poesia, quanto à música e talvez por isso, Rafael o represente, como também a outros artistas, conforme já foi informado acima. Pode-se intuir que esses e outros filósofos, bem como o grupo representado logo abaixo são apenas representações de renascentistas que foram contemporâneos da época de Rafael como o próprio Da Vinci (Dartmouth, 2019).

Depois aparece *Parmênides* de Eléia (abaixo à dir.) seu pensamento se encontra no poema *Sobre a Natureza*, que mostra o caminho da verdade (*alétheia*) da opinião (*dóxa*), ao qual estavam ligadas as escolas da Jônia e de Eleia. Seu pensamento poderia ser dividido em três vertentes: a unidade e a imobilidade do Ser; o mundo sensível é uma ilusão e o Ser é Uno, Eterno, Não-Gerado e Imutável. Dois expoentes desta escola: Zenão citado acima e Méliisso são destaques (Dartmouth, 2019).

---

<sup>16</sup> Anacreonte (563 a.C. – 478 a.C.) foi um poeta lírico e conselheiro de Polícrates, tirano de Samos, que ao morrer em 522 a.C., abriu espaço para Anacreonte partir para Atenas, sendo hospedado por Hiparco, filho de Pisístrato. Tendo ele sido assassinado em 514 a.C., o poeta voltou para sua terra natal, onde morreu.



Figura 20: Recorte "Heráclito à esq.; Parmênides à dir." do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Duas figuras destacam-se pelo seu relativo isolamento: Diógenes, segundo alguns autores, aparece reclinado na escadaria, em pose certamente displicente e quase depreciativa de todos, e Heráclito (Ibiblio, 2006).

*Heráclito* de Éfeso (figura acima à esq.) representado com a mão no rosto, escrevendo sobre um bloco de mármore e avesso ao convívio social, é caracterizado sentado na escadaria, onde pensa e escreve. Acredita-se que essa parte da obra foi pintada por Michelangelo. É possível que por motivação própria ou instigado por Rafael tenha pintado seu próprio busto no lugar da cabeça de Heráclito que recebeu o cognome de "pai da dialética" (Ibiblio, 2006).

Heráclito é reconhecido como o de Michelangelo e cabe aqui uma curiosa observação: uma análise da base do afresco ("intonaco") mostra que se trata de um "pentimento". A generosa interpretação de alguns críticos é de que Rafael introduziu a figura de Heráclito após o término do afresco e após ter visto, com admiração e com a cumplicidade de Bramante, a Capela Sistina, pintada pelo grande rival. Este "pentimento" seria assim uma nobre homenagem ao seu competidor na corte de Júlio II (EDUCACIONAL, 2006, s.p.).

*Diógenes* que vivia dentro de uma barrica, rejeitava, como os outros Cínicos<sup>17</sup> todas as convenções sociais; tinha sobretudo um enorme desprezo pela distinção entre

<sup>17</sup> O Cinismo propagado por Diógenes foi fundado por um discípulo de Sócrates, chamado Antístenes, apregoava o desapego aos bens materiais e externos. A palavra deriva do grego kynismós, do latim cynismu e significa canis ou viver como um cachorro.

gregos e estrangeiros (abaixo à esq.). Diógenes Laertius ou Diógenes Laércio (200 - 250 a.C.) foi historiador e biógrafo dos antigos filósofos gregos (Leão, 2019).

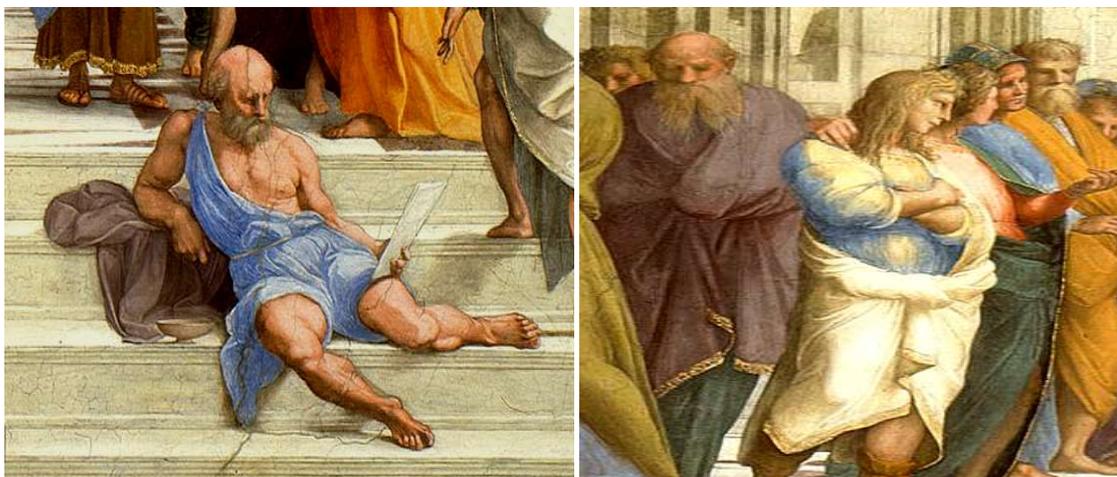


Figura 21: Recorte "Diógenes à esq.; Neoplatônicos à dir." do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

No mesmo plano, só que a partir de Platão (ver figura acima à dir) no centro da obra, estão aqueles que Reale (ibidem) irá indicar como os neoplatônicos (Amônio Sacas, Fílon de Alexandria, Hipátia, Jâmblico, Plotino, Plutarco, Porfírio, Proclo, Pseudo-Dionísio).

Suas ideias se baseavam em quatro doutrinas: Hipóstase, Monismo, Nous e Uno. A filosofia neoplatônica foi posteriormente revista e reinterpretada por nomes como: Agostinho de Hipona, Escoto Erígena, Marsílio Ficino, Pico della Mirandola. O Neoplatonismo pode ser descrito como a corrente de pensamento proposta a partir do século III fundada nas teorias platônicas, porém com certa diferenciação (Leão, 2019).

Neoplatonismo, uma espécie de monismo idealista fundada por Plotino pregava a existência de um Uno indescritível, do qual, emanou como uma sequência de seres menores. Não criam na existência do mal e de certo ponto afirmando, de maneira otimista, que tudo era, em última instância, *Bom*. Serviu de fundamento filosófico ao paganismo clássico em sua contraposição ao cristianismo (Leão, 2019).

Os *Peripatos* (discípulos de Aristóteles), aparecem na obra como o que seria descrito por onze pensadores ou filósofos aristotélicos (figura abaixo) que em nenhuma das fontes por nós pesquisadas, foram comentados, no entanto é possível intuir ou mesmo deduzir, quais sejam esses nomes (Poesia, 1996).

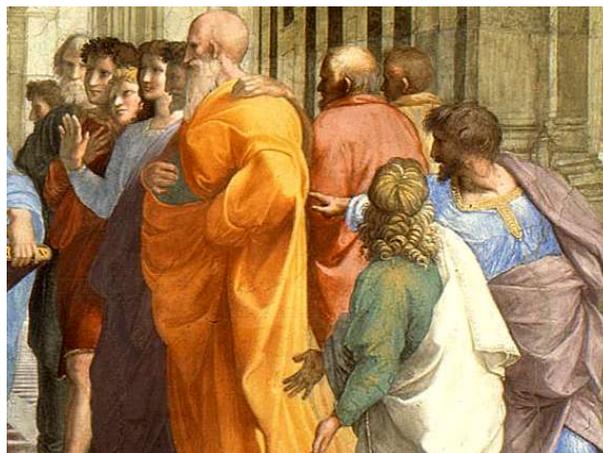


Figura 22: Recorte "Os peripatos" do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

Os peripatéticos (peripatético significa passeio coberto e nome dado ao local onde Aristóteles fundou seu Liceu) por cinquenta anos depois da morte de seu mestre, continuaram a produzir conhecimento. Seus representantes são: Teofrasto de Ereso, em Lesbos, sucessor imediato de Aristóteles, Eudemo de Rodes, que editou os escritos éticos do Corpus aristotelicum; Aristóxeno de Tarento, Dicearco de Messênia, o médico Mênon e Demétrio de Falero (Poesia, 1996).

Com o advento do estoicismo e do epicurismo é que o movimento começa a decair e a preservação das obras de Aristóteles se devem num primeiro momento, mais a Andrônico de Rodes que aos próprios aristotélicos. Graças aos árabes Avicena e Averroés essas obras chegaram até a contemporaneidade. A retomada mais expressiva do aristotelismo se deve ao tomismo <sup>18</sup>.

O Lado Aristotélico da obra, traz além dos supra mencionados, quatro outros grupos dos quais dois serão tratados nas considerações finais por serem relativamente incertos enquanto filósofos. Por sua vez o grupo que aparece de pé com dois globos (um terrestre outro sideral) onde aparece o autorretrato de *Rafael* (de boina preta e representando Apelles, amigo de Ptolomeu, olhando aparentemente para quem observa o quadro) com seu colega e amigo *Sodoma* (boina branca) junto à coluna inferior direita, como que observando os demais do grupo (ver figura abaixo) (Poesia, 1996).

---

<sup>18</sup> O Tomismo é a doutrina escolástica fundada por de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), adotada oficialmente pela Igreja Católica caracterizando-se pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo e integrar o pensamento aristotélico com o neoplatônico, ajustando-se aos textos das Sagradas Escrituras, gerando uma filosofia do Ser, inspirada na fé, com a teologia científica.



Figura 23: Recorte "Ptolomeu e Zaratrusta à esq.; Euclides" do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

*Ptolomeu*, de costas e toga amarela (na figura acima à esq.), aparece com globo terrestre nas mãos. À sua frente, vê-se Zoroastro ou *Zaratustra* (que foi um profeta nascido na Pérsia, atual Irã no séc. VII a.C.), traz um globo celeste nas mãos. Essa composição indica uma infusão das forças celestes sobre as terrestres e uma certa harmonia cósmica (matemática e sinfônica no caso de Euclides representado abaixo): “[...] Ptolomeu tem como discípulos artistas plásticos. Se há porta aberta para todos os discípulos de todas as escolas de sábios, é de justiça que os de Ptolomeu também entrem. Trata-se de uma subversão, sim, mas quase sob fundo legal. Assim, em torno de Ptolomeu estão alguns pintores” (Ghiraldelli, 2005, s.p.).

Na parte inferior da Escola de Atenas, à direita, está a figura de *Euclides*, que inclinado sobre uma lousa com um compasso na mão, demonstra um de seus teoremas a um grupo de discípulos atentos. Euclides está representado com as feições de Donato D'Angelo Bramante, um amigo e protetor de Rafael na corte de Júlio II e arquiteto da Sé como se mencionou acima (Paterlini, 2001).

Euclides de Alexandria viveu por volta de 300 a. C. e participou da Escola de Alexandria, ligada à famosa biblioteca de Alexandria. Escreveu aproximadamente 12 tratados sobre ótica, astronomia, música e mecânica. Os Elementos, que exerceu grande influência no desenvolvimento e no ensino da Matemática por mais de 1500 anos (Paterlini, 2001, s.p.).

Os quatro discípulos de Euclides que aparecem junto a ele representados, também não são indicados pelos pesquisados a que se teve acesso. Esses ‘Discípulos de Euclides’ que supostamente poderiam estar representados no afresco chamaram-se primeiramente megáricos, depois erísticos e ultimamente dialéticos. Os nomes deles seriam: *Hipócrates, Eudóxio, Diodoro Cronos, Dionísio de Cartago e Philon* (POESIA, 1996).



Figura 24: Recortes do Afresco "A Escola de Atenas"

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael\\_058.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Raffael_058.jpg)

É claro que boa parte do que foi intuído aqui não tem a necessidade de ser comprovado, de modo que, o estudo continuará sendo aprofundado de maneira que resta desvelar as nuances estéticas dessa grande e *sui generis* obra de Rafael de Sanzio, que este artigo passa agora às suas considerações finais.

## CONCLUSÃO

O primeiro aspecto é que se ao final deste artigo, fosse possível dar um nome cronológico para a obra de Rafael, ela poderia ser chamada de o “Afresco de Pós-helenista”; isso porque, dentre os aspectos que mencionamos, trata-se de uma pintura vaticana, na qual poderia estar retratada por exemplo a “Escola de Alexandria” ou da

“Capadócia”, e não uma escola filosófica em um espaço sacro. Assim, em um contexto de contrastes, o afresco se mostra como apenas mais um desses elementos distópicos - justapostos - propositalmente pelo artista.

O segundo aspecto é que em “toda a parte esquerda do afresco representa a dimensão órfico-pitagórica do filosofar, quem culmina com Platão e Empédocles” (REALE, 2002). O afresco prioriza a representação dos pensadores relacionados a Platão e a Sócrates em detrimento dos homens ligados a Aristóteles. Apesar de serem três grupos de cada lado, os estudiosos vêem maior dificuldade de entender e de identificar os grupos aristotélicos, ao ponto que em um dos sites pesquisados (PTOLOMEU, 2001), grupos como esse mostrado ao lado esquerdo, estão indicados como “um estudante novo, um outro homem”. E, por conseguinte, o homem que aparece imediatamente depois desses dois, é descrito como “um homem velho, ansioso para aprender”. Ou seja, não há uma caracterização de pensadores ou de contemporâneos do pintor.

Desse modo, entende-se que a reprodução dos textos e imagens aqui aplicadas, apenas procura esclarecer mais alguns detalhes desta grandiosa colcha de retalhos que se tornou a decodificação do Afresco de Rafael, pois que, deduzimos que muitas pesquisas monográficas foram feitas em toda Europa, no entanto, entender que por não se ter acesso a elas, nos limitamos a descrever os detalhes, em alguns casos obscuros, aos quais essa pesquisa teve acesso, por meio da internet e da dedução. Deve-se ainda observar a grande quantidade de elementos que estão indicando ação: pensadores escrevendo, falando, andando, gesticulando, chegando ao lugar, apontando para outrem, observando ou em plena prática do ócio como indica a citação a seguir: “A pintura representa o pensamento clássico, mas é também dedicada às artes liberais, simbolizadas pelas estátuas de Apolo e Minerva. gramáticos, matemáticos e músicos são personificados por figuras localizadas nos patamares, à esquerda. Geômetras e astrônomos estão à direita. Além deles, estão representados os retóricos e os dialéticos” (Poesia, 2007, s.p.).

Contudo, existe um grupo que permanecem se identificação, aos quais se pode intuir como identidade, possíveis pintores renascentistas, cientistas, ou mesmo teólogos patrísticos ou quem sabe escolásticos; sendo estas, apenas as nossas suposições.

Feitas essas conjecturas, este artigo se encerra com um agradecimento a todos os pesquisadores que contribuíram para que nossa percepção sobre esse afresco fosse além das aparências. De modo especial agradecemos a Giovanni Reale, que em duas de suas obras, fez importantes menções ao afresco. Nossos agradecimentos também a Paulo

Ghiraldelli e Sérgio Mascarenhas citados nesse artigo, de maneira que ressaltamos abaixo toda importância filosófica e estética do afresco: “Da alegoria da vida para a alegoria do conteúdo do quadro, Rafael sabe que a filosofia é apresentada de modo melhor pela arte. Sabe, também, que a arte é, por ela mesma, como metáfora, filosófica” (Ghiraldelli, 2005, s.p.).

## REFERÊNCIAS

ALETEIA. **20 curiosidades sobre o grande pintor Rafael Sanzio**. 2020. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2020/03/03/20-curiosidades-sobre-o-grande-pintor-rafael-sanzio/>>. Acesso em: 30 maio 2023.

ARTCHIVE. **Raphael (1483-1520)**. 2023. Disponível em: <<http://www.artchive.com/artchive/R/raphael.html>>. Acesso em 05 jan. 2023.

ATHENA. **Le Escole de Atena**. Disponível em: <<http://un2sg4.unige.ch/athena/html/athome.html>>. Acesso em 05 jan. 2023.

CCBB-Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo. **Mestres do Renascimento: obras primas italianas**. 2013.

CHRISTUSREX. **O afresco Escola de Atenas**. Disponível em: <<http://christusrex.org/www1/stanzas/S2-Segnatura.html>>. Acesso em 05 jan. 2023.

CUNHA, Paulo F. da. **As virtudes cardeais no afresco de Rafael**. 2002. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur16/pfca.htm>>. Acesso em 05 jan. 2023.

DARTMOUTH. **Rafael de Sânzio**. Disponível em: <<http://www.dartmouth.edu/~matc/math5.geometry/unit3/unit3.html>>. Acesso em 05 jan. 2023.

DEVIR. **Omnia mutantur, niriil interit** (tudo muda, nada inteiramente). Disponível em: <<http://devir.wordpress.com/2006/09/04/os-exilados-da-republica/>>. Acesso em 05 jan. 2023.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Afresco**. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=26](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=26)>. Acesso em 05 jan. 2023.

FERNANDA DIAS. **Arte e Tipografia**. Disponível em: <[http://nandadias.com/4\\_arte\\_e\\_tipografia.pdf](http://nandadias.com/4_arte_e_tipografia.pdf)>. Acesso em 05 jan. 2023.

GHIRALDELLI. **Rafael e a Escola de Atenas ou de como se vingar de Platão**. 2005. Disponível em: <[http://www.ghiraldelli.pro.br/Rafael\\_Escola\\_de\\_Atenas.htm](http://www.ghiraldelli.pro.br/Rafael_Escola_de_Atenas.htm)>. Acesso em 05 jan. 2023.

IBIBLIO. **Raphael**. Disponível em: <<http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/raphael/>>. Acesso em 05 jan. 2023.

LEÃO, Ronaldo Carneiro; RÊ Rodrigues. **Rafael Sanzio**. 2019. Disponível em: <<http://www.cyberartes.com.br/indexFramed.asp?pagina=indexArtista.asp&edicao=19>>. Acesso em 05 jan. 2023.

L'OPERA COMPLETA DI RAFFAELLO, **Classici dell'arte Rizzoli, Editore Rizzoli, Milano, 1979**. Michelangelo and Raphael in the Vatican, Edizioni Musei Vaticani, Città del Vaticano, 1995.

PTOLEMY. **Iconography of Ptolemy's Portrait**. Disponível em: <<http://www.er.uqam.ca/nobel/r14310/Ptolemy/Raphael/index.html>>. Acesso em 05 jan. 2023.

MASCARENHAS, Sérgio. **Uma proposta para o milênio: a Escola de Atenas virtual**. In: EDUCACIONAL. 2005. Disponível em: <[http://www.educacional.com.br/articulas/outrosOutros\\_artigo.asp?artigo=artigo0005](http://www.educacional.com.br/articulas/outrosOutros_artigo.asp?artigo=artigo0005)>. Acesso em 05 jan. 2023.

PATERLINI, Roberto Ribeiro; FURUYA, Yolanda Kioko Saito. **Escola de Atenas, de Rafael Sanzio afresco, pintado de 1509 a 1510 Stanza della Segnatura (Vaticano) 2001**. Disponível em: <<http://www.dm.ufscar.br/hp/hp902/hp902001/hp902001.html>>. Acesso em 05 jan. 2023.

POESIA, Arnaldo. 2007. **Raphael**. Disponível em: <<http://www.mcs.csuhayward.edu/~malek/Raphael.html>>. Acesso em 05 jan. 2023.

PYTOLOMEU. **Iconography of Ptolemy's Portrait (2001)**. Disponível em: <<https://pdfslide.net/documents/escola-de-atenas-1510.html?page=1>>. Acesso em 05 jan. 2023.

**RAPHAEL'S SCHOOL OF ATHENS**. ed. Marcia Hall, Cambridge University Press, 1997.

STARNEWS. **Sânzio**. Disponível em: <<http://www.starnews2001.com.br/atenas.html>>. Acesso em 05 jan. 2023.

**RARA AVIS IN TERRIS. HIPATIA, A BIBLIOTECÁRIA**. 2005. Disponível: <<http://raraavisinterris.blogspot.com/2008/11/hipatia-bibliotecria.html>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. 1.v. São Paulo: Loyola, 2002.

SUNSITE. **The lives of the artists, Giorgio Vasari**. translation by Julia Bondanello and Peter Bondanello, Oxford Univ. Press, 1991. Disponível em: <<http://sunsite.auc.dk/cgfa/raphael/>>. Acesso em 05 jan. 2023.

UNIURGS. Universidade do Rio Grande do Sul. **Café SCI**. 2013. Disponível em:<[www.if.ufrgs.br/cafe-sci/imagens/imagens.html](http://www.if.ufrgs.br/cafe-sci/imagens/imagens.html)>. Acesso em 05 jan. 2023.

VATICAN. **Site Oficial do Vaticano**. Disponível em:<<http://www.vatican.va/museums/patrons/>>. Acesso em 05 jan. 2023.

WIKIPEDIA. **Enciplopedia livre on-line**: Escola de Atenas. Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aliena%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 05 jan. 2023.

Enviado em: 18/04/2023.

Aceito em: 04/08/2023.

# RECIFAQUI

Revista Científica da Faculdade Quirinópolis